

D. Siano 3/7/1931

A RELIQUIA VIVA

(Para o DIARIO)

Frei Pedro Sinzig, O. F. M.

O titulo não é meu. Inventou-o o grande romancista russo Iwan Turgenjéw (1818-1883) para a commovente historia da ex-criala grave, dansarina e cantora Lukerja, que parecia ser o riso personificado, tal a sua a'egra de viver, segura de suas bellas qualidades physicas sempre victoriosas.

Numa noite de primavera, mal se desenhavam no céu os prime ros albores, ella, acordando, ouve lá fóra o doce gorgoejo do rouxinol. Levanta-se, para descer a escada e escutar o doce gorgoejo ao ar livre. Somnoienta ainda, dá uma queda desastrada e, de então em deante, Lukerja começa a definh ar e a seccar, como ella mesma se exprime. Enfraquecendo mais e mais, mal podia mover as pernas. Impossivel manter-se em pé ou ficar sentada. Tinha que estar deitada, dia e noite. Não comia, não bebia; a simples tentativa para se alimentar atormentava-a.

Os medicos não sabiam o que dizer e muito menos como cural-a. "Que não fizeram commigo! — diz a pobre, enferma, — queimaram-me as costas com ferro em brasa; metteram-me em gelo, mas não adiantou coisa alguma!"

A pobre ex-dansarina e cantora, por fim, é levada a um rancho pequeno, desses que serviam para guardar, durante o inverno, os coticos das abelhas. "A cabeça tinha seccado completamente, era de uma só côr, como de bronze, exactamente como em velha imagem de Santo".

Lukerja estava só. Os admiradores antigos, de ha muito, tinham fugido. O no'vo deixou-a. Quem a queria para esposa, quando nem quem tinha tempo para gastar com podia attender a si mesma! Ninella. Deixavam pertinho um moringue com agua, mas como todo e qualquer movimento lhe causava dores terriveis, nem tentavam fazer-lhe a cama. De quando em vez, uma orphãzinha trazia-lhe um ramo de flores colhidas no prado, e foi só.

"A principio, — diz Lukerja, — eu sentia grande tristeza; aos poucos, eu me acostumei, resignandome. Ha gente que ainda soffre muito mais". E', — diz Klug em seu "Deus Auxiliador", — a antiga formula magica das pessbas prezas nas tenazes ferreas do soff-

rimento... mas, com semelhante formula humana, tamanha provaçã o, no correr do tempo, ninguem supporta. O soffrimto transforma; faz o homem, a quem prende, desesperar ou... tornar-se piedoso".

Lukerja, que antes, via os admiradores a seus pés, transformara-se sob a acção do soffrimto. "Canto canções, — diz ella, — velhas canções, do Natal e dos Reis, e outras. Só as de dansa não canto mais. Não ficam bem para minha vocação actual".

Palavra profunda do romancista russo: "minha vocação actual", a vocação para soffrer. "Ter que soffrer — observa Klug, — para o piedoso e poder soffrer, senso de uma verdadeira e real vocação, tão verdadeira e real como a vocação para crear e agir".

Nem todos compreenderão esta l'nguagem. Revoltam-se contra Deus, perguntando: *porque me provas?* e *porque justamente a mim?* porque com esta cruz, uma tão *pezada?* A pergunta ficará sem eco... por enquanto, até que, num dia a Providencia divina seja justif cada tambem aos olhos das creaturas. Lukerja, simples filha de aldeia russa, aprendeu a renunciar á resposta do "porque", conformando-se com a vontade de Deus. Um dia, assim conta, teve um sonho maravilhoso. Está no campo, em me'o de trigo alto, com espigas como de ouro. Querem que corte o trigo, e ella, em vez de uma foice, dispõe para isso da lua, em forma de foice. Está acompanhada a pobre Lukerja de um cachorrinho de pellos vermelhos que, a cada instante, procura morder-a. Mas e's, subito, tem uma visão inebriantemente bella: por cima do trigo vem voando, cada vez mais perto, Nosso Senhor. Chega-se á pobre moça e lhe diz: "Não receies coisa alguma, esposa querida. No paraiso dirigirás a roda, cantando canções celestias." Lukerja, satisfeita e feliz, beija os pés do Senhor e, immediatamente, o cachorrinho morde-lhe os pés. Mas Christo dá-lhe a mão, e ella vóa, ao lado de Jesus, para o alto, tendo o cachorrinho que ficar atraz.

Lukerja compreende a interpretação de seu sonho. O cachorrinho (Continua na 7ª pagina)

A reliquia viva

(Continuação da 7ª pag.)

é a sua doença que, por mais que aqui a atormente, não poderá segul-a para a eternidade; ficará preso á terra, enquanto ella subirá mais e mais, livre de todo o soffrimto e feliz para sempre.

"Visões de desesperados" — dirá este ou aquelle. Que respondam os que, de facto, soffrem, soffrem ter'vehmente, sem esperanza de melhoras! Haverá visões mais benefica? mais consoladora? Não ha, nesse valle de lagrimas, que não se veja perseguido frequentemente, ora mais, ora menos, pelo cachorrinho ou verdadeiro molosso ou fera do soffrimto. Quem não olhar para cima, em breve terá a funesta visão do desespero que, sem melhorar e sa alguma, levará do mal a peor.

E' preferivel, pois, a visão da fé, esperanza e caridade que faz beijar a mão de Deus que fére, porque este mesmo Deus sabe, porque fére e porque o faz deste modo, nesta occasião e por tanto ou tanto tempo.

Não poucas vezes, o cachorrinho do soffrimto tem uma missão muito salutar, ou mesmo indispensavel. Está accossando a quem se afastou de Deus e se mantém longe d'elle. Late, morde, persegue dia e noite, até que a ovelha perdida volte a Deus que a espera com os braços abertos, para não a deixar mais.

Nescios, os que investem contra o cachorrinho do soffrimto, mensageiro de Deus! Rangem os dentes, proferem maldições e blasphemias, mas, com tudo isso, os cachorrinhos não fogem; e si o fizessem, ai do louco que, assim, julgar escapar a provações e dôres! "Bondoso Deus — faz Klug dizer os prudentes, — meus agradecimentos pelos cachorrinhos do soffrimto que me morderam e rasgaram: meus agradecimentos, pois, por fim, levaram-me para ti".

Contae a historia de Lukerja nos hospitaes, em lares infelizes, em toda a parte onde ha gente que soffre; abrirá outras perspectivas e tirará do soffrimto o seu veneno e corrosivo, fazendo apparecer sorrisos, onde antes só havia lagrimas.